



Trilha sem fim

Um homem conhecia
o segredo do penhasco.
Mas quem acreditaria?

POR HELEN O'NEILL

DE CADA CANTO do poeirento mirante sobre o rio eles podem ser vistos: rochedos escarpados e irregulares, elevando-se do deserto em Wyoming. A trilha Lost Dog, que termina num penhasco, é um local hostil, de solo instável, com arbustos ressecados e redemoinhos de poeira. Cascavéis enroscadas se aquecem ao sol nas saliências das rochas.

Foi daqui, do alto de uma escarpa, que uma jovem mãe e seu filho mergulharam para a morte oito anos atrás, seus corpos batendo nas rochas antes de parar 60 metros abaixo. Um trágico acidente. Um passeio de fim de semana que acabou terrivelmente mal. Ou foi o que pareceu.

GREEN RIVER, cidade de 11 mil habitantes, foi onde Roger Brauburger e Bob Duke cresceram, à sombra dos penhascos, melhores amigos desde uma briga no pátio da escola na 7ª série.

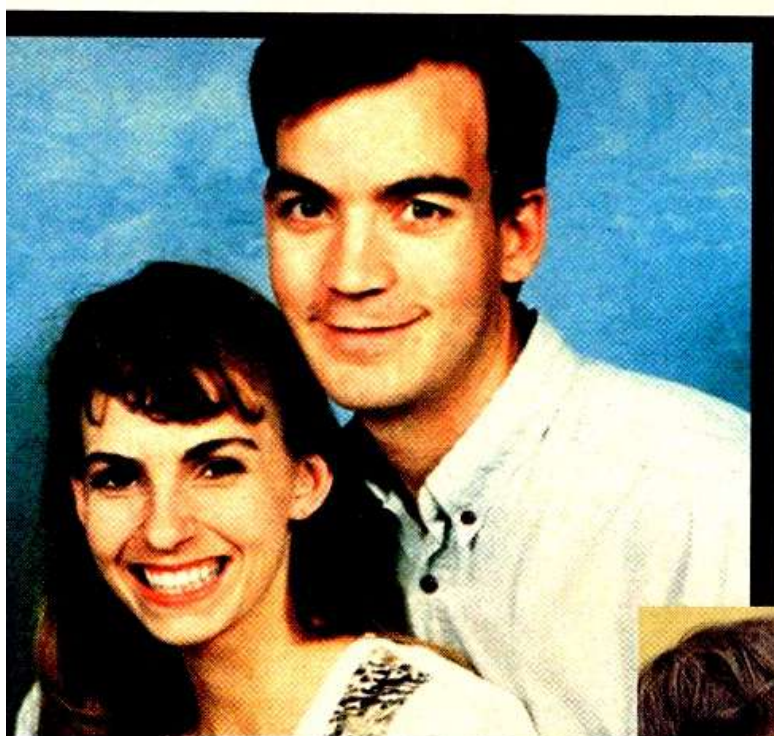
Brauburger era o mais agressivo da dupla, sempre metido em confusões. Quando adolescente, desviara-se para a bebida e as drogas e ficara fora da escola por um semestre. Duke era o mais bem-apeado, sério e ambicioso dos dois. Filho de rígidos professores, falava em ir para a universidade e enriquecer.

A única habilidade em que Brauburger superava Duke era no tiro. Eles saíam pelas trilhas numa caminhonete, cruzando o deserto, disparando contra coelhos e bebendo cerveja. Ou ficavam em casa assistindo a filmes violentos e brincando sobre se tornarem assassinos de aluguel.

“Dizíamos, de brincadeira, que devia ser uma vida incrível”, contou Brauburger.

Aos 21 ANOS, Brauburger comprou para Duke uma Beretta 9 mm. Ele era o mais velho e tinha ligações com armas, drogas e crimes menores.

Anos mais tarde, Brauburger desejava não se ter perdido num mundo



Apenas Bob Duke voltou vivo do passeio em família. Liana e o filho deles, não. Roger Brauburger sabia o que havia acontecido.

que manchara sua reputação. Àquela altura, de qualquer forma, a vida era boa. Brauburger fazia biscates em construção com o pai nos dias úteis e bebia com Duke nos fins de semana.

Duke não estava tão satisfeito. Seus sonhos com uma vida fora de Green River foram frustrados quando a namorada de 17 anos, Liana Da-

vidson, ficou grávida. Duke confidenciou a Brauburger que se sentiu capturado numa armadilha. Em maio de 1991, eles se casaram e o filho, Erik, nasceu três meses mais tarde. Duke trabalhava como instalador de carpetes enquanto Liana mergulhava na maternidade e nos cuidados com a casa. Ela falava em abrir uma loja de artesanato. “Minha mulher vai fazer de mim um homem rico”, Duke costumava brincar.

Para Roger Brauburger, o amigo tinha uma vida quase perfeita. Um dia, ele também teria uma família.

“ACONTECEU uma tragédia”, a mãe de Brauburger o avisou em agosto de 1996. Ele ouviu horrorizado, com um pânico crescente, e enterrou o rosto nas mãos. Como aquilo fora acontecer? Em seu íntimo, porém, achava que sabia.

Oficialmente, as mortes foram tratadas como um terrível acidente: um garotinho atira pedras e caça lagartixas. A mãe corre atrás dele. O pai se dirige ao jipe para buscar um refrigerante. De repente, um grito. E

então eles se foram.

Brauburger lutou para encontrar palavras que confortassem o amigo, mas não soube o que dizer. Carregou o caixão de Erik, atormentado por pensamentos sobre o que havia



Foi marcada a data para o crime: dali a três semanas.

acontecido – pensamentos que não podia dividir com ninguém.

Mãe e filho foram enterrados lado a lado. Apesar da tristeza e do espanto espalhados pela cidade, houve rumores: o que teria atraído a família a um local tão desolado e perigoso?

DEPOIS DOS funerais, Brauburger manteve distância de Duke. Sentiu-se aliviado quando o amigo se mudou para Houston dois anos mais tarde para viver com o irmão Mike. Mas Duke começou a telefonar.

Butch Brauburger nunca vira o filho tão preocupado. Na noite de 3 de janeiro de 1999, já tarde, pensou que ele havia bebido. Lágrimas escorriam pelo rosto de Roger. Havia uma expressão de terror em seus olhos.

– Acalme-se, filho – disse Butch.

Roger, porém, não parava de soluçar, bradando que deveria ter contado o que sabia anos atrás, que outras vidas estavam em perigo.

– Não sei o que fazer, pai.

Quanto mais Butch ouvia, mais percebia que Roger falava a sério.

– Você tem de procurar Mont – afirmou o pai.

DURANTE ANOS Mont Mecham, 53 anos, tenente veterano da polícia de Green River, ficara perturbado com a morte de Liana e Erik. Mas Mecham não pôde investigar, pois o caso caiu

sob a jurisdição do departamento do xerife do condado de Sweetwater.

Um dia após a conversa com o pai, Brauburger ligou para Mecham: “Tenho algo para contar.”

Mecham foi à obra em que Brauburger estava trabalhando. Seu amigo Bob Duke vinha lhe telefonando de Houston, disse Brauburger. Ultimamente, a conversa tinha ficado esquisita. Duke gastara os 60 mil dólares que recebera do seguro pela morte da mulher e do filho e, com o irmão, elaborara um plano para ganhar mais – e rápido. Roger podia arrumar uma pistola com silenciador para eles? Claro, dissera ele a Duke, inseguro sobre o que fazer. Qual era o plano? Brauburger cuspiu as palavras como se ainda não acreditasse nelas:

– Ele disse: “Pago 20 mil dólares para você matar meus pais.”

– Continue – pediu Mecham.

– Pensei: Ah, meu Deus, ele matou a mulher e o filho e agora está pensando em assassinar os pais.

Mecham olhou sério para ele.

– Vá devagar – pediu. – Como sabe que ele matou a mulher e o filho?

– Duke me contou que estava procurando um assassino de aluguel dessa vez. E explicou: “Cuidei da família antes e não gostei.”

E aquilo não era tudo. Tremendo, Brauburger contou ao policial seu

segredo. No verão de 1996, Duke e ele estavam conversando sobre a idéia maluca de se tornarem assassinos de aluguel. Então Duke se virou para ele e perguntou: “Você mataria meu filho e minha mulher por 15 mil dólares?”

- Disse que ele estava doido - continuou Brauburger. - Que, se estava tão infeliz assim, podia pedir o divórcio. Duke retrucou: “Não posso fazer isso, meus pais me odiariam.”

Cerca de dois meses mais tarde, Liana e Erik estavam mortos.

- Por que você não foi à polícia? - indagou Mecham.

- Era a minha palavra contra a de Duke - respondeu ele. - Quem teria acreditado em mim?

Mecham sabia que Brauburger tinha um histórico de uso de drogas. Mas nunca tivera um problema sério.

- Vamos grampear seu telefone - disse Mecham.

- Não! - exclamou Roger. - Se ele descobrir, serei um homem morto.

- O que vamos fazer? - quis saber Mecham. - Deixar que os pais dele morram, como a mulher e o filho?

Naquela noite a polícia gravou um telefonema de Duke para Brauburger. A conversa se arrastou, mas foi marcada uma data para o assassinato: dali a três semanas.

Foi o suficiente para que Mecham acreditasse em Brauburger. No dia

seguinte, Mecham dirigiu quase 500 quilômetros até Cheyenne e mostrou a fita ao FBI.

BRAUBURGER, um homem corpulento e tatuado, estava na cozinha da casa do pai ao meio-dia de 8 de janeiro. Olhava para o telefone com ansiedade. Seu coração batia descontrolado. Estava prestes a fazer a quarta ligação gravada para Duke em três dias.

Nas chamadas anteriores Duke falara em usar uma pistola calibre 22, em entrar na casa quando os pais estivessem fora - pois o pai tinha uma arma -, em álibis. Agentes do FBI estavam vigiando o apartamento de Duke em Houston e Brauburger queria que ele se incriminasse na fita pelo assassinato da mulher e do filho.

Brauburger respirou fundo e fez a ligação. Conversaram um pouco antes que abordasse o assunto.

- Existe um jeito de fazermos com que tudo pareça um acidente, como você fez com sua mulher e seu filho?

Houve silêncio. Então, Duke explodiu.

- Eu não fiz aquilo!

- Pensei que tivesse dito que sim.

- Não!

Duke está desconfiado de mim, pensou Brauburger. Os policiais fizeram sinal para que se mantivesse calmo. Era a vez de a polícia agir. Tremendo, Brauburger ouviu quan-

Dez anos apenas! Depois, Duke procuraria vingança.

do agentes do FBI e policiais invadiram o apartamento. Ouviu Duke gritar. Então o telefone ficou mudo.

Naquela noite, Brauburger percorreu vários bares e dirigiu até o deserto, aliviado. Mas uma nova provação estava prestes a começar.

O FBI ENCERROU o caso. Robert Duke foi acusado, no tribunal federal, de conspiração por usar linhas telefônicas interestaduais com o fim de planejar o assassinato dos pais. Seu irmão, Mike, foi acusado de se abster de informar sobre o plano. Eles admitiram a culpa, alegando que queriam poupar os pais da angústia de um julgamento. Em agosto, Duke foi sentenciado a dez anos de prisão e Mike, a 21 meses.

Brauburger não podia acreditar no resultado. Achava que Duke seria sentenciado à prisão perpétua. Dez anos apenas! Não tinha dúvidas de que Duke procuraria vingança.

Agora casado, Brauburger tinha um filho e outro estava a caminho. Em pânico, pediu que o FBI pusesse sua família no programa de proteção a testemunhas.

“Vou verificar essa possibilidade”, prometeu um agente. No entanto, Brauburger não recebeu proteção.

Estava apavorado. A mídia o retratava como um viciado, ainda que ele insistisse que havia abandonado as drogas. Tinha sido demitido de vários empregos por amigos dos Dukes. Sua úlcera havia piorado. Até mesmo a vida doméstica estava instável. Sua mulher, Heather, tinha-o

expulsado algumas vezes, irritada com suas bebedeiras.

Em muitas ocasiões ele se perguntou por que havia se envolvido. “Foi uma das poucas ocasiões em que fiz o que era certo, o mais difícil”, contou Brauburger. “E ninguém parecia se importar se eu ia viver ou morrer.”

TIM MERCHANT, comandante de uma divisão do departamento do xerife do condado de Sweetwater, nunca se livrara das dúvidas a respeito da morte de Liana e Erik. Mergulhou na documentação do FBI. Quando localizou Brauburger, encontrou um sujeito que se sentia amargurado e traído. Depois, Merchant foi até o penhasco e, na volta, reviu as fotos: Liana, machucada e inchada, o corpo coberto de hematomas dobrado sobre uma rocha. O pequeno Erik em toda a sua inocência angelical.

Em abril de 2000, Merchant procurou seu chefe.

- Quero reavaliar a investigação do caso Duke - pediu.

- Vá adiante - concordou o chefe.

Nos cinco meses seguintes, Merchant trabalhou no caso, ao lado de uma equipe do gabinete do promotor do condado de Sweetwater, Harold Moneyhun. Aos poucos, eles identificaram as incoerências na história de Duke. Um perito em quedas atirou bonecos do penhasco num esforço para provar que Liana e Erik poderiam ter sido empurrados. E um especialista em liquens foi chamado



“O penhasco é a arma do crime”, dizia o promotor Moneyhun (centro) diariamente, enquanto Duke desviava o olhar.



para descobrir se o penhasco havia cedido, como Duke afirmara.

Mas, ao examinar os registros, Merchant encontrou um cheque de mil dólares de Duke em nome de Brauburger, dois meses depois das mortes. Uma forma de comprar seu silêncio? Era o que parecia. Merchant ficou furioso.

Desesperado, Brauburger explicou que tivera a idéia de pedir dinheiro para comprar maconha, vendê-la e pagar a Duke o dobro. “Foi uma burrice e não funcionou”, disse Brauburger. “Estou falando a verdade.”

Mas o júri acreditaria?

NUMA MANHÃ de agosto de 2001, o júri fez uma excursão até o local do aci-

dente. Em silêncio, os jurados caminharam ao longo do penhasco, chocados. “Isto não é uma área de piquenique”, disse o promotor Moneyhun. “É a arma do crime.”

Os promotores estaduais fizeram seis acusações contra Bob Duke. Duas delas, envolvendo a tentativa de assassi-

nato de seus pais, seriam fáceis de provar. Afinal, Duke já havia sido condenado por acusações federais semelhantes. O verdadeiro desafio seria provar que ele matara a mu-

lher e o filho. Ainda assim, Moneyhun sentia que precisava “defender Liana e Erik” e levar o caso a julgamento.

Em 13 de agosto de 2002, Moneyhun iniciou a ofensiva com sua principal evidência: as fitas. A voz de Duke soava calma enquanto discutia o assassinato dos pais: “Uma arma calibre 22 é mais do que suficiente. Ninguém vai pensar que é algo mais do que uma porta batendo.”

Roger Brauburger foi um dos primeiros a testemunhar. Nervoso, con-

templou a sala de audiência lotada. Por fim, seus olhos se fixaram em Duke. Com algemas nas pernas e de terno, Duke estava quase calvo e exibia um olhar frio. Os dois se encararam em silêncio. E então Brauburger lembrou-se de que tinha carregado o caixão de Erik. Durante as quatro horas seguintes, contou o que sabia.

O advogado de defesa, LaVoy Taylor, contestou o testemunho de Brauburger com um sorriso e um discurso arrastado. A história “parece um relato inventado”, disse. “E sabemos que Roger Brauburger foi traficante e usuário de drogas.”

A promotoria se sentiu sem saída, mas surgiu uma testemunha tão convincente que Moneyhun a chamou de “presente”. Crystal Robinson entrou em seu gabinete um dia e disse: “Tenho de contar a verdade.” Ela era bonita e elegante.

Crystal testemunhou que, quando Liana e Erik ainda estavam vivos, fora amante de Duke. Ele havia levado Crystal até o penhasco várias vezes. Ali, entre rochas e poeira, eles bebiam e namoravam. E Duke tinha lhe dito, em diversas ocasiões, que queria acabar com seu casamento, mas de modo a não ter de pagar pensão.

Nos últimos dias do julgamento, Duke descreveu de que forma um passeio com a família se transformara

em tragédia. Mas Moneyhun achou que ele parecia arrogante. O que de fato aconteceu, sugeriu Moneyhun, foi que Duke empurrou a mulher e o filho do alto do penhasco, descendo em seguida para se certificar de que estavam mortos.

Duke escutou com o semblante inexpressivo.

NUM DIA de setembro de 2002, o júri deliberou por oito horas. O veredicto chegou de repente e foi comunicado tão rapidamente que Brauburger não conseguiu chegar ao tribunal a tempo. Enquanto subia correndo os degraus, encontrou Ralph e Rose Davidson, pais de Liana. Estavam abraçados e sorriam em meio às lágrimas. Duke fora considerado culpado de todas as acusações.

“Obrigado”, agradeceu Ralph Davidson, apertando a mão de Brauburger. “Obrigado por ter ajudado.”

Até o último minuto, Brauburger não tinha certeza se deveria comparecer, mas Heather o convenceu.

“Você precisa estar lá”, afirmou ela, “para que um dia, quando nossos filhos forem mais velhos, possa contar que o pai deles agiu certo.”

O juiz leu a sentença de Duke: prisão perpétua. No fundo do tribunal, Brauburger abraçou Heather. Agora poderia, enfim, seguir com sua vida.

RECEITA

Criança é como panqueca: estragamos a primeira e melhoramos na segunda. Na terceira, viramos no momento certo.

KELLY RIPA, The Journal News (White Plains, Nova York)